

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DA ARTE POPULAR ALENTEJANA IV. OS PAPÉIS RECORTADOS.

MONIZ, Manuel de Carvalho

Ano: 1966 | Número: 76

Como citar este documento:

MONIZ, Manuel de Carvalho, Da arte popular alentejana IV. Os papéis recortados. *Revista de Guimarães*, 76 (1-2) Jan.-Jun. 1966, p. 72-84.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Da arte popular alentejana (*)

IV

Os papéis recortados

Por MANUEL DE CARVALHO MONIZ.
Da Assoc. dos Arqueólogos Portugueses.

Não podemos escrever algo sobre os papéis recortados na arte popular alentejana sem recordar os executados nos conventos de freiras e, particularmente, os dos conventos eborenses.

Os papéis recortados alentejanos estão intimamente ligados à doçaria conventual eborense e esta notabilizou-se de tal maneira que ainda hoje, passados dezenas de anos após o encerramento das casas religiosas, Évora recorda o *bolo de Santo Agostinho*, do Convento de Santa Mónica; o *pão de rala com azeitonas*, originalíssima surpresa feita à rainha D. Maria quando da primeira visita realizada ao Convento do Calvário, também célebre pelos seus tão característicos *doces de ovos*. Recordemos ainda as *caldas*, as *frutas cobertas* e o *manjar real* do Mosteiro de S. Bento de Cástris; o caprichoso *manjar branco*, do Convento de Santa Clara, feito com relevos, por vezes até em forma de aranhão de abobada artezoada; mencionemos também o célebre *bolo real* do Convento de Nossa Senhora do Paraíso, que confeccionava a notável *pera doce*, que por ocasião do casamento de Filipe de Espanha lhe foi oferecida e cujo transporte para Madrid consta ter sido feito em

(*) Vide *Revista de Guimarães*, vols. 72 (1962), p. 161; 73 (1963), p. 127; 74 (1964), p. 121.

vistas andas, pois pesava alguns quilos, com seu enviado especial e séquito de menagem. Recordemos o Convento do Salvador, cuja fama na doçaria foi devida à excelência do *bolo de ovelhas* e as *talbadas de Santa Luzia* tão apreciadas pelo Cardeal Mota e por D. Teotónio de Bragança.

Ora todos estes belos doces eram apresentados de formas diversas. Assim no Mosteiro de S. Bento a doçaria era servida em pratos da Índia, mas noutros eram apresentados em cestinhos feitos de renda engomada, que hoje se imitam em caixinhas de papel e cartão.

Era hábito local em certos dias festivos, por cortesia, amizade e consideração, mandar presentes às pessoas mais categorizadas ou a quem se desejava agradecer algum serviço prestado. Então as caixas, travessas, bocetas ou tabuleiros enchiam-se de doces e enfeitavam-se com papéis recortados, cuja composição era fértil de imaginação, segundo a habilidade e espírito engenhoso da artista que os executava.

Isto porque, é bem certo, «o prazer de manjar não dispensa o requinte do adorno» e só o sossego do espírito e a paciência verdadeiramente beneditina das freiras, eram capazes de executar no papel arrendado tão subtil beleza, como aqueles que encontramos nos tão célebres «papéis picados» dos conventos de Évora.

Destinavam-se, como já referimos, esses artísticos papéis a enfeitar as travessas, os cestinhos e os pratos de doces. Variavam muito quanto ao formato e às dimensões. Assim, eram rectangulares quando tapavam o típico «porquinho» ou a «bacorinha afilhada» com seus «farropos» mamando, ou a tão característica e saborosa «lampieira». Eram redondos se fechavam os cestinhos de renda, ovais ou em forma de peixe, chispe ou presunto.

Para a sua execução utilizam o papel fino, de seda, e como instrumento único a tesoura. Dobra-se o papel em quadrado e depois torna a dobrar-se e, se se quiser o desenho mais miúdo, dobra-se novamente ainda de forma a ficarem oito partes triangulares. Seguidamente risca-se o desenho a recortar. Com a tesoura, que deve ser de bicos muito finos e compridos, começa-se a recortar a parte de cima do desenho e depois as restantes, mas deixando sempre os nervos centrais. Nunca se deve cortar o bico central do triângulo, pois este será a parte

do centro de todo o desenho. Depois de aberto fica-se vendo então todo o recortado.

Dos conventos de Évora, aqueles onde se era mais artista neste trabalho dos papéis recortados indicavam-se os de Santa Clara e o do Paraíso, por isso conhecido pelo «convento das habilidades e delicadezas». As freiras do Convento de S. Bento de Cástris, no capítulo de motivos ornamentais, dedicavam-se muito aos assuntos agrícolas e, talvez por isso, na cidade lhe chamavam «as freiras lavradoras».

Nos motivos ornamentais, segundo a intuição artística de quem os recorta, abundam flores, frutos, folhas simples ou entrelaçadas e figuras de subtil beleza e arte caprichosa de mãos gentis, que mais parecem ser «mãos de fadas». Nos rebordos ondula, lobado ou denticulado conforme o capricho, em orlas simétricas tantas quantas as dobras a que o papel foi submetido.

Não havia desenhos ou modelos para serem copiados mas cada papel era cortado conforme a inspiração, paciência e habilidade da artista que recortava no papel arrendados tão maravilhosos que ainda hoje delicias e encantam quem os contempla.

Notemos que os «papéis picados» dos Conventos de Évora não beneficiam da composição ornamental policrómica, como acontece nos recortes de Elvas, nem da cor azulada do papel, como nos do Convento das Maltezas de Estremoz. Os de Évora são sempre feitos em papel branco, aparecendo apenas nalguns o picotado, em certos motivos, para os destacar da caprichosa e densa ornamentação.

Extintos os conventos, deles saíram religiosas, educandas e meninas do coro, e, tal como muitas especialidades docesiras entraram no conhecimento público, também os «papéis picados» continuaram a ser executados por mãos habilidosas a quem as monjas haviam ensinado.

Entre as raríssimas senhoras que conheci dedicando-se aos «papéis picados» distinguem-se D. Adelina Sousa e D. Agélica Monteiro Serra, a quem se devem artísticos trabalhos tão admirados por quem teve a ventura de os contemplar.

D. Adelina Sousa, uma velhinha muito simpática, baixa e atarracada, sempre vestida de preto, com suas

lunetas presas, por um cordão e inseparável sombrinha, é o tipo característico da senhora educada num convento.

Muito religiosa, com seus santinhos e terços, reparava sua vida modestíssima entre orações e visitas a velhas amigas de saudosos tempos da mocidade, já muito distante e no sossego do seu quarto, no Convento do Calvário, entregue aos seus papéis.

Natural de Évora, entrou como menina do coro no Convento de Santa Clara, onde foi educada e se manteve até à extinção deste mosteiro. Foi então, como professora, para o Asilo de Infância Desvalida, desta cidade, e mais tarde recolheu-se ao Convento do Calvário, onde a conhecemos sempre atenciosa e amável para todos os que a procuravam.

Foi em Santa Clara, quando menina do coro, que D. Adelina de Sousa aprendeu a fazer os seus papéis e não dava mãos a medir às encomendas e instantes pedidos de estranhos e conhecidos. É que os seus «papéis picados» eram curiosíssimos de execução e composição artística.

Quis ensinar a sua arte chegando a tentar-se um pequeno curso de meninas, para que o desaparecimento ou invalidez desta senhora não ocasionasse a perda daqueles riquíssimos papéis. Mas as alunas não aprendiam, por falta de paciência, interesse ou vontade, como certa vez nos confidenciou: «os tempos são outros, as raparigas novas não apreciam estas coisas».

Deixado o encantador Convento do Calvário, viveu ainda em Lisboa, num Recolhimento, e a única ferramenta, uma tesoura de bicos aguçados, que, movida por aquelas habilidosas mãos tantas maravilhas executou, foi oferecida, antes de deixar Évora, a uma velha amiga.

Em data desconhecida vieram viver para esta cidade três irmãs que haviam sido educadas como meninas de coro no Convento das Maltezas, de Estremoz — Angélica, Maria Gregória e Leopoldina Simões —, ingressando estas duas últimas como religiosas, no Convento de Santa Clara, enquanto a primeira se recolheu ao mosteiro de S. Bento de Cástris.

Extintos os conventos, instalaram-se as irmãs, Angélica e Maria Gregória, na casa situada junto ao poço de S. Manços, conhecida como de Garcia de Re-

sende, e que pertencera à irmã Leopoldina, falecida enquanto religiosa de Santa Clara.

Foi a irmã Angélica Simões que ensinou D. Angélica Monteiro Serra a executar os «papéis picados» que fazia sem modelos, por intuição artística, com paciência beneditina, com carinho e amor pela sua arte.

Assim é que, graças a estas duas Senhoras, cujos nomes se mencionam para que se não percam e se exalte a sua obra, e para que todos saibam que nesta cidade de Évora se faziam os «papéis picados» dos conventos, que através de gerações vêm sendo apreciados.

Mas no Alentejo os papéis recortados aparecem em outras localidades, embora os de Évora sejam os mais conhecidos e numerosos.

Em Borba no Recolhimento de Nossa Senhora das Dores faziam estes papéis recortados os quais serviam de modelos de rendas para lenços, para *naperons* e até reproduziam imagens de Santos, como a de Santa Rita incluída num interessante estudo publicado por João Rosa.

Faziam lindos papéis de fantasia com franjas a que chamavam «peliços» e onde embrulhavam pequenas amêndoas de doce.

Na histórica vila de Monsaraz ainda hoje se fazem lindos ramos de flores de papel recortado. São executados pela Senhora Maria da Orada, ou Maria d'Orada, cuja habilidade nasceu espontânea, embora os visse fazer a sua mãe Maria Caeiro, e a sua tia Rosa Caeiro, aí por volta de 1883.

Destinam-se sobretudo a ornamentos dos altares das igrejas e oratórios particulares, mas também são utilizados para ornamento dos quartos e salas de visitas, dentro das jarras e vasos sobre as cómodas e prateleiras.

Em Beja os conventos deixaram não só os bolos e doces que tornaram célebre a doçaria desta cidade, mas também ficaram os papéis recortados servindo de assento decorativo a esses deliciosos mimos.

«É uma arte que toca as raízes do prodígio! Dobrado o papel de seda sobre si mesmo, dobrado de novo e ainda outra vez, de forma que as dobras se interceptem no centro como os diâmetros dum círculo, a tesoura recorta arabescos, curvas, voltas, pequenos desenhos... o que

fica depois é uma renda da mais inverosímil delicadeza, da mais inconcebível leveza e mestria!

O conjunto é de uma frágil graciosidade que a gente revê nelas as mãos das monjas que, dos vagares da clausura, nos deixaram estas rendas finíssimas destinadas a durarem apenas um dia, mas feitas com devoto e paciente enlevo».

Em Portalegre ainda hoje há quem execute, com extraordinária habilidade, esses lindos papéis recortados. Queremos referir a D. Elisa Fonseca, que vive nesta cidade alentejana e aprendeu a fazer os papéis recortados no antigo convento de Santa Clara de Portalegre. Tem modelos feitos que vai repetindo, mas também os executa de memória.

Os formatos desses papéis são umas vezes redondos, quadrados ou até em bicos, sendo de diversos tamanhos.

Também só usa o papel branco, com motivos decorativos diversos, tais como flores, bonequinhos, caixas e outros desenhos.

A utilização destes papéis recortados é para compor os bolos, caixas e servirem de *naperons*.

Também são utilizados para a decoração, com canela, dos pratos e travessas de *arroz doce*; para o efeito usa um frasquinho com um crivo para deixar passar a canela.

Para a execução destes papéis utiliza apenas uma tesoura pequena e uma almofada onde assenta o papel.

Em Elvas são «duma surpreendente beleza pela composição policrômica dos papéis que entram na sua composição ornamental — vermelho, verde, azul, dourado e prateado».

Os papéis recortados são ainda utilizados como motivos ornamentais. Assim encontram-se com frequência nas casas de habitação dalgumas localidades e, sobretudo, nos «montes» alentejanos como adorno de paredes.

Nos armários, prateleiras, cantareiras ou pilheiras, de preferência nas cozinhas rústicas, é habitual ornamentar esses vãos, onde brilham pratos de estanho, tachos de cobre, pucarinhos de barro ou uma galinha de louça a pôr os ovos, lá se vê sempre o papel branco ou de cor, sobretudo vermelho, verde ou azul, recortado para enfeitar.

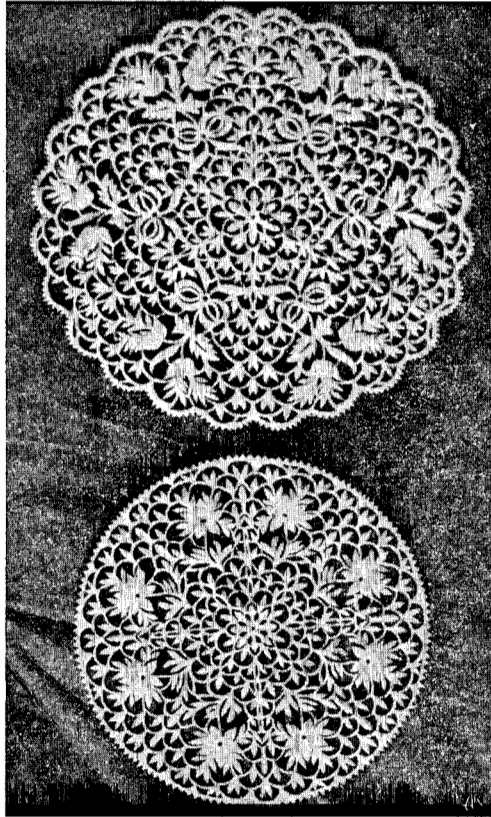


Fig. 1

(Diâmetros respectivamente de 20 e 16 cm.)

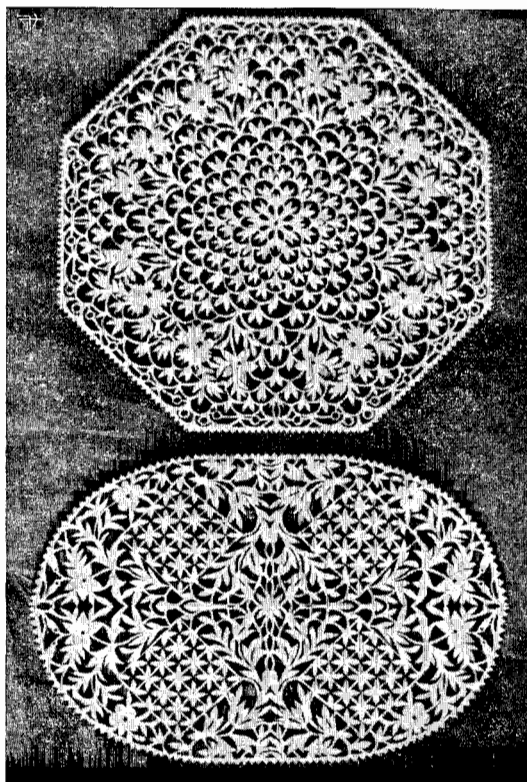


Fig. 2

(Larg. do papel superior: 22 × 22 cm.; do inferior 23 × 15 cm.).

Os desenhos são, geralmente, muito simples, arcos, losangos, estrelas recortadas ou abertas no papel, consoante a habilidade, a paciência ou o gosto inventivo da autora.

No Alentejo estes papéis recortados são utilizados, umas vezes para forro das bandejas sobre os quais dispõem os bolos secos; outras vezes são aplicados a fazer a cobertura dos doces dispostos nas mesas dos casamentos ou baptizados.

Aqueles são geralmente feitos em papel branco e só recortado nas extremidades, porquanto o que assenta no fundo das bandejas, travessas ou pratos é cheio, ou melhor, não tem qualquer recorte mas apenas nos bordos uma cercadura simples ou um franjado.

Todavia os destinados a tapar os bolos e doces são já todos trabalhados fazendo até alarde das qualidades artísticas do seu autor ou autora (Figs. 1 e 2).

Alguns atingem tal beleza que chegam até a ser colocados em quadros emoldurados e envidraçados a ornamentarem as paredes da casa, pois são, como escreveu Emanuel Ribeiro, «rendas preciosas, finíssimas, cheias de delicada e angélica graça que embalava as suas almas».

Estes papéis para tabuleiros de doces até se estenderam ao Brasil, pois assim refere o sociólogo Gilberto Freire quando escreve no seu livro *Casa Grande e Senzala*: «Mas o legítimo doce ou quietude de tabuleiro foi o das negras forras. O das negras doceiras. Doce feito ou preparado por elas. Por elas próprias enfeitado com flores de papel azul ou encarnado. E recortado em forma de corações, de cavalinhos, de passarinhos, de peixes, de galinhas às vezes com reminiscências de velhos cultos fálicos ou totémicos».

Aparecem também os registos de papel recortados e pintados com a efigie dos santos de devoção popular. Encontramos estes interessantes papéis em Estremoz e outras terras do Alentejo.

Os papéis recortados podem servir para brinquedos ou distração de crianças e vamos referir como este motivo fez nascer um artista na arte do recorte.

Na tão típica vila de Monforte vive um avô estremoso, a quem o desejo de distrair os netinhos levou um dia a pegar na tesoura e cortar umas figuras em papel branco.



Fig. 3

(Dimensões: 10 x 5 cm.)



Fig. 4

(Dimensões: 10 x 5 cm.)



Fig. 5

(Dim.: 10 x 5 cm).



Fig. 6

(Dim.: 10 x 5 cm).

O interesse manifestado pelos netos fez desenvolver a habilidade ao avô, que hoje é um artista com os seus tão curiosos e interessantes recortes em papel.

Embora saibamos que vamos ferir a sua modéstia e porque queremos incluir no nosso estudo os seus tão belos trabalhos, não deixamos de mencionar o seu nome: André Avelino Chichorro Marcão.

É artista que nada aprendeu de desenho e faz tudo de improviso, sem riscar previamente o papel. Como instrumento de trabalho apenas utiliza uma tesoura de bicos afiados. Tudo lhe sai natural e segundo a inspiração de momento, quer quanto aos motivos rústicos ou religiosos. Assim tanto faz um quadro de vida rural alentejana, os carros transportando o cereal para a eira ou o «churrião» que se dirige para a romaria do Senhor Jesus da Piedade, em Elvas, ou a «adiafa» quando terminou a apanha da azeitona, como se vê nas figuras 3 e 4.

Aprecie-se ainda não só o andor de Nossa Senhora de Fátima, mas sobretudo, no aspecto religioso, pela delicadeza e perfeição de execução, o papel que representa a tão tipicamente alentejana procissão do Senhor dos Passos com os andores e o pálio (Figs. n.ºs 5 e 6).

Mas onde no Alentejo a arte popular dos papéis recortados atinge a sua mais alta expressão de beleza é na vila de Campo Maior, nas festas que todos os anos se realizam no mês de Setembro.

Aparece esta vila completamente ornamentada com papéis recortados em tal profusão e variedade que dificilmente se descreve.

Todos os habitantes colaboram activamente nos festejos, as tradicionais «Festas do Povo».

Seis meses antes começam as reuniões por grupos, geralmente organizados por ruas, fazendo os projectos, as maquetas e recolhem os fundos necessários para fazerem face à despesa da ornamentação dessa rua.

Salientemos já que nas festas de 1965 se apresentaram lindamente ornamentadas cinquenta e quatro ruas e praças desta vila, materialmente coberta de flores e grinaldas de papel.

Para a realização destas belas ornamentações de que guardam o máximo sigilo, começam em cada lar os longos serões familiares em que mãos femininas não se

cansam de trabalhar e delas saírem flores, borboletas, lâmpadas, franjas, bandeirolas, os cadeados, os lustres, os «balandrons», as «esparragueiras», etc., etc.

Os habitantes de cada rua querem que a sua seja a melhor, a mais artística, assim vão cumprindo as ordens do que foi escolhido para «director», seguindo à risca o projecto de decoração antecipadamente aprovado.

Por isso esta rua está linda com os seus típicos «brincos de princesa», aquele largo está encantador por ter sido transformado num roseiral em flor, aquela outra rua transporta-nos ao Algarve, com suas amendoeiras em plena floração; ainda outra é toda um deslumbramento de glicínias e de cravos de variegadas cores; aquele largo é um vinhedo autêntico, com suas parreiras e cachos de uvas. Mais além é um vistoso lustre feito de papel, tremoços e canas, que para tudo chega a arte maravilhosa deste povo da vila de Campo Maior.

BIBLIOGRAFIA

- ABEL VIANA — *Mensário das Casas do Povo*, 1953, Ano VII, n.º 80, p. 12-13.
- Idem* — *Guia Turístico de Beja*, 1950, p. 39-40.
- JOÃO ROSA — «Artes Perdidas», na revista *Pátria*.
- Idem* — «O Alentejo à Janela do Passado».
- EUGÉNIO ANDREIA DA CUNHA E FREITAS — «Arte do Papel», in *A Arte Popular em Portugal*, ed. «Verbo», Vol. I, p. 235 ss.
- EMANUEL RIBEIRO — *A Arte do papel recortado em Portugal*, Coimbra, 1933.
- LUÍS CHAVES — *Portugal Além*.
- GILBERTO FREYRE — *Casa Grande & Senzala*, ed. «Livros do Brasil», p. 433.
- VERGÍLIO CORREIA — «Papéis recortados ornamentais» in *Terra Portuguesa*, Vol. I, n.º 5, 1916, p. 151.
- M. CARVALHO MONIZ — «Doces e Papéis picados dos Conventos de Évora», in *Rev. Turismo*, n.º 77, 1948, p. 28.